



A PESQUISA COMO PAIXÃO E MISSÃO

Morreu em novembro, aos 90 anos, Herch Moysés Nussenzveig, estudioso de fenômenos ópticos como o arco-íris, defensor da ciência e entusiasta do ensino de física

Ricardo Zorzetto

Em um artigo de cinco páginas publicado em 1969 na revista *Science*, o físico Herch Moysés Nussenzveig denunciou à comunidade científica internacional a perseguição política sofrida por pesquisadores no Brasil, além das condições precárias em que se fazia ciência na América Latina. O país vivia, então, um dos períodos mais tenebrosos da ditadura militar, e suas instituições científicas, muitas ainda incipientes, sofriam com a descontinuidade de verbas e o descaso dos governantes, o que motivou a migração de parte de seus melhores quadros para o exterior. À época professor na Universidade de Rochester, nos Estados Unidos, Nussenzveig acolheu muitos dos que tiveram de deixar o Brasil e articulou protestos que chegaram ao então presidente Artur da Costa e Silva (1899-1969). Essa foi apenas uma das vezes em que o físico veio a público em defesa da ciência.

Estudioso do arco-íris e da auréola, dois fenômenos ópticos que considerava ser dos mais belos da natureza, Nussenzveig foi ainda um pesquisador apaixonado pelo ensino da física: organizou cursos, criou departamentos e labora-

tórios de física nas universidades brasileiras e escreveu de próprio punho uma respeitável coleção de livros didáticos, até hoje adotada em cursos de graduação. Também integrou grupos que ajudaram a organizar a estrutura atual de financiamento da pesquisa nacional. Nussenzweig morreu no sábado, 5 de novembro, no Rio de Janeiro, cidade para a qual havia se transferido definitivamente no início dos anos 1980. O professor Moysés, como os discípulos o chamavam, estava com 90 anos e a saúde debilitada desde 2020, após uma cirurgia nos rins. Deixou a mulher, a química Micheline, com quem se casou durante a final da Copa do Mundo de 1962, além de três filhos – a matemática Helena, o bioquímico Roberto e o físico Paulo – e seis netos.

“Perdemos uma luz intensa, um farol”, escreveu o físico Luiz Davidovich, professor emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e ex-presidente da Academia Brasileira de Ciências (ABC), em uma nota publicada em 6 de novembro no site da ABC. Após ser considerado subversivo e expulso do curso de física da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) em 1969, Davidovich foi recebido em Rochester por Nussenzweig, que o orientou durante o doutorado. “Cientista renoma-

do, autor de artigos e livros prestigiados internacionalmente, comprometido com o ensino de ciência, defensor destemido de cientistas perseguidos e do apoio à ciência, Moysés fará muita falta nesses tempos desafiadores”, completou Davidovich no texto.

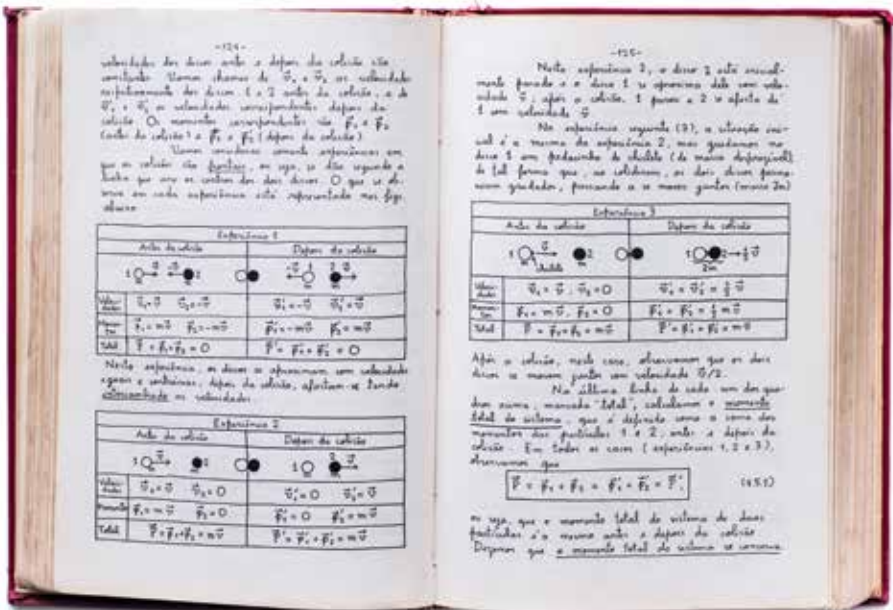
Nussenzweig nasceu em São Paulo em 23 de agosto de 1932. Era o terceiro filho de um casal que chegou ao Brasil em 1925 fugindo da pobreza e do antissemitismo na Polônia. Cresceu no Bom Retiro, bairro na região central da capital paulista, e estudou em escolas públicas. Ao final do segundo grau (atual ensino médio), venceu um concurso literário na Aliança Francesa e cursou o primeiro ano de matemática na Universidade Sorbonne, em Paris.

Por influência de um colega de ginásio, o físico Ernst Hamburger (1933-2016), no retorno ao Brasil, em 1951, foi cursar física na Universidade de São Paulo (USP). “Passei boa parte do bacharelado como aprendiz de físico experimental”, contou Nussenzweig em uma entrevista anos atrás (ver Pesquisa FAPESP nº 173). Perto do final do curso, interessou-se pela física teórica e fez seu doutorado, na USP, sob a orientação do físico Gui-

do Beck (1903-1988), nascido em Reichenberg (hoje Liberec, na República Tcheca), que havia trabalhado com os criadores da mecânica quântica.

Nussenzweig realizou estágios de pós-doutorado nos Países Baixos, na Inglaterra e na Suíça e, em 1960, de volta ao Brasil, instalou-se no Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF), no Rio de Janeiro. Com o país em crise econômica, seguiu o conselho de Beck e foi para os Estados Unidos. Passou uma temporada na Universidade de Nova York e outra em Princeton, antes de ser contratado por Rochester. “O que deveria ser um estágio de um ano tornou-se uma diáspora de quase 13 anos”, lembrou o filho Paulo, professor do Instituto de Física (IF) da USP e pró-reitor de pesquisa e inovação da universidade, em um texto publicado em 5 de novembro no *Jornal da USP*. Nos Estados Unidos, Nussenzweig denunciou a perseguição do regime militar aos pesquisadores brasileiros e auxiliou professores que haviam sido cassados.

A convite do físico José Goldemberg, retornou para a USP em 1975, onde criou no IF o Departamento de Física-matemática. Contra sua vontade, dirigiu o instituto por quatro anos, antes de se transferir para a PUC-RJ e depois para a UFRJ, onde criou e coordenou o Laboratório de Pinças Ópticas e se aposentou. Desde seu retorno ao Brasil, Nussenzweig participou de importantes comissões, como a que estruturou o Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PADCT), do então Ministério da Ciência e Tecnologia, e idealizou o Programa de Laboratórios Associados, que serviu de inspiração para o Programa de Núcleos de Excelência (Pronex) do ministério, que apoiava por períodos mais longos o trabalho de grupos já consolidados. Foi fundador e coordenador de um programa interdisciplinar na UFRJ com ciclos de palestras para o público geral, dadas por especialistas do Brasil e do exterior. Também se dedicou à divulgação científica. ■



Edição de *Curso básico de física* redigida de próprio punho por Nussenzweig

Os artigos científicos consultados para esta reportagem estão listados na versão on-line.